



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**AGROECOLOGIA E ACESSO A POLÍTICAS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS COMO
ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA AO AVANÇO DO AGROHIDRONEGÓCIO
CANAVIEIRO NO PONTAL DO PARANAPANEMA, SÃO PAULO (BRASIL)¹**

Sidney Cássio Todescato Leal

cassio.todescato@hotmail.com

UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil

Diógenes Rabello

diogenesrabello@yahoo.com

UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil

Robinzon Piñeros Lizarazo

robinzonp@gmail.com

UNESP, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil

¹ As reflexões apresentadas neste texto estão baseadas nos resultados das dissertações intituladas: “A Dinâmica Territorial do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), no Pontal do Paranapanema-SP no contexto dos Conflitos”, (Processo FAPESP Nº 2014/04250-4); “Camponeses assentados e as práticas agroecológicas do contexto do agrohídronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP)” (Processo FAPESP Nº 2015/02962-0) e do Doutorado em andamento “Mobilidade territorial do trabalho e captura da subjetividade de jovens em territórios de produção de agrocombustíveis no departamento do Meta (Colômbia) e no Pontal do Paranapanema (São Paulo, Brasil)” (Processo FAPESP Nº 2015/10470-0). Vinculadas ao Projeto Temático “Mapeamento e análise do território do agrohídronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema – São Paulo – Brasil: Relações de trabalho, conflitos e formas de uso da terra e água, e a saúde ambiental”, (Processo FAPESP Nº. 2012/23959-9).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

No Pontal do Paranapanema, no oeste do estado de São Paulo, Brasil, os assentados oriundos da luta pela terra configuram diversas estratégias de resistência diante o avanço do modelo de desenvolvimento baseado na monocultura e agroprocessamento da cana-de-açúcar para a produção de açúcar e etanol. Na última década, um dos campos dessa disputa territorial tem sido a produção de alimentos, destaca-se a notável participação dos assentados na política pública que alavanca um mercado institucional para a compra e distribuição de alimentos produzidos por camponeses, denominado Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Concomitante disso, os assentados têm apropriado e adaptado práticas agroecológicas que têm espalhado como projeto ambiental e político visando produzir e distribuir alimentos saudáveis. Nesse artigo analisamos os desdobramentos dessas práticas de resistência através de dados oriundos de entrevistas e do banco de dados público de participação das famílias camponesas no PAA. Assim, apresentamos experiências de produção agroecológica através das informações qualitativas coletadas em trabalhos de campo realizados entre 2014-2016. O objetivo dessa análise visa reconstruir a experiência dos sujeitos da classe trabalhadora, especialmente das mulheres e jovens que lutam pelo acesso e permanência da terra e ao mesmo tempo lutam pela mudança da ordem ambiental e alimentar imposta pelo capital.

Palavras chave: Pontal do Paranapanema; Programa de Aquisição de Alimentos; Agroecologia

ABSTRACT

In Pontal do Paranapanema, west of the state of São Paulo, Brazil, the rural settlement dwellers configure various strategies of resistance against the advance of the development model based on monoculture and agroprocessing of sugarcane for sugar production and ethanol. In the last decade, one of the fields of this territorial dispute has been in the food production, especially the notable participation of the rural settlement dwellers in the public policy, that leverages an institutional market for the purchase and distribution of food produced by peasants, known as the Food Acquisition Program (PAA). At the same time, the rural settlement dwellers have adapted agroecological practices that have spread as an environmental and political project aiming to produce and distribute healthy food. In this paper, we analyze the developments of these resistance practices through data from interviews and from public database of participation of the peasant families in the PAA. Thus, we



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

present experiences of agroecological production through qualitative information conducted between 2014-2016. The aim of this analysis is to reconstruct the experience of the working class, especially women and young population, who claim for the access and permanence of the land and, at the same time, struggle against the food and environmental order imposed by capitalism.

Keywords: Pontal do Paranapanema; Food Acquisition Program; Agroecology



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Certamente nunca se produziu tanto, mas também nunca se destruiu tanto. Nessa conjuntura a agricultura e a pecuária são destaques das ações humanas de grande impacto. Vinculada a um conhecido processo histórico, a aplicação da chamada agricultura empresarial e de *commodities*, vem gerando uma série de problemas que extrapolam os aspectos ambientais, recaindo sobre a sociedade e a economia.

No Brasil, a questão da agricultura remonta ao aspecto social da concentração de riqueza e de terra. Grande parte da produção agrícola nacional, bem como a maior parte dos estabelecimentos agrícolas, pertencem aos camponeses. Estes, de modo geral, estão submetidos à mesma lógica de mercado e, conseqüentemente, ao mesmo padrão exploratório da terra que a agricultura de larga escala, baseada em monoculturas mecanizadas e dependentes de insumos industriais.

Neste debate, situamos a região do Pontal do Paranapanema (Mapa 01), localizada ao sudoeste do Estado de São Paulo, que caracteriza-se por ser um território marcado pelo conflito no âmbito da luta pela terra desde o processo de ocupação até os dias de hoje. Desde 2005 esta região vem sendo alvo do avanço do agrohidronegócio do setor canavieiro, apoiado especialmente pelas ações do Estado através do fortalecimento do álcool na matriz energética renovável.



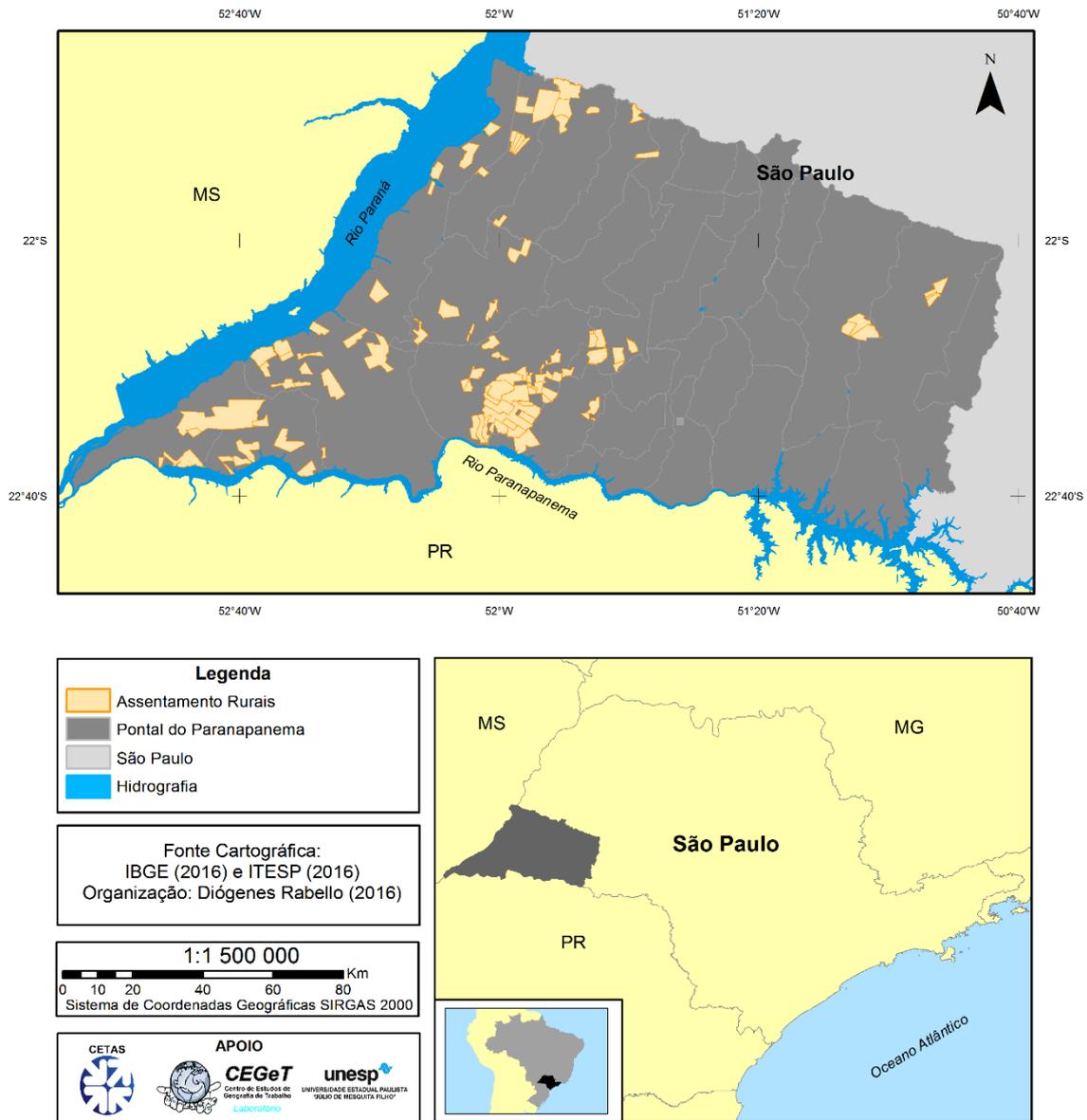
XXXI CONGRESSO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Mapa1: Localização do Pontal do Paranapanema (SP) e dos assentamentos rurais da região



O processo de ocupação ilegal das terras do Pontal, através da grilagem de terras, possibilitou o desenvolvimento do agrohidronegócio que hoje está consolidado na região, isso porque a grilagem permitiu a concentração de terras nas mãos de poucos e firmou a relação entre o Estado e os interesses



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dos latifundiários. Devido a efetivação desses processos, a fragilidade econômica em que se encontra os assentados cria as condições para que os discursos do agrohidronegocio canavieiro se materializem num momento em que supostamente não existe alternativa e, nesse processo fragiliza um projeto camponês, tendo em vista a (re)ordenção territorial não só no lote, mas nas dinâmicas do assentamento, do município e da região. E é neste cenário que cerca de 6.280 famílias camponesas estão lutando para permanecer na terra, em 114 assentamentos rurais, se apropriando de políticas públicas e alternativas de reprodução que acabam subordinando-os hora ao mercado, hora ao Estado.

Entre estas políticas, a que têm se destacado nos assentamentos do Pontal é o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O envolvimento com o Programa tem permitido que os camponeses vendam a produção garantindo renda e a “revalorização” dos alimentos produzidos por eles. O PAA, uma conquista dos movimentos sociais de luta pela terra e grupos organizados sintonizados a questão da segurança alimentar, foi instituído em 2 de julho 2003, pelo artigo 19 da Lei nº. 10.696. Tem como objetivo estimular e fortalecer o campesinato através da aquisição da produção de alimentos dos mesmos e a distribuição gratuita para entidades como: associações comunitárias, asilos; cozinhas comunitárias e restaurantes populares e, a populações de trabalhadores empregados precariamente, desempregados e acampados sem terras que estejam em situação de insegurança alimentar.

II. Marco teórico/marco conceitual

O agrohidronegocio enquanto modelo de desenvolvimento do capital no campo é conduzido por empresas monopolistas, nacionais e transnacionais, sob referencial de alto grau de degradação ambiental dos recursos naturais e de intensa precarização do trabalho (Thomaz Junior, 2009). A presença e desenvolvimento deste modelo no campo tem nos apresentado diversos elementos que nos leva a repensar as diversas outras realidades que conflitam constantemente com o avanço do agrohidronegocio, como por exemplo, o campesinato. Vale destacar que estes novos elementos nos exigem revisar conceitos como trabalho, resistência, saúde, sustentabilidade etc.

É nesta perspectiva que temos buscado desenvolver nossos projetos de pesquisa, encarando o avanço do agrohidronegocio canavieiro no Pontal do Paranapanema, junto com as transformações



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que ele tem causado na realidade agrária, social, ambiental da região, e suas implicações para as diversas formas de reprodução que os camponeses têm adotado e para a organização do trabalho familiar.

Essa forma de reprodução do capital no campo fundamenta-se para atender apenas os objetivos das empresas, as demandas econômicas do mercado, interno e externo, de açúcar e álcool, fundamentalmente, e não as demandas quanto à produção de alimentos, a segurança alimentar etc. A priorização da manutenção do abastecimento externo, por meio da commoditização, via a comercialização do açúcar é uma tendência do mercado, e, por isso, a necessidade de buscar índices de produtividade e eficiência que garantam vantagens comparativas dentro do mercado, impõe que os mecanismos de controle sobre o meio ambiente e os trabalhadores sejam fundantes, sendo, pois, esta é a marca do destrutivismo e da degradação sistêmica do capital.

Quando observamos as novas áreas de expansão dos canaviais vemos que elas estão cada vez mais próximas dos assentamentos rurais, ou seja, um das formas de conflito é o contato direto entre assentamentos rurais e a monocultura de cana-de-açúcar. Isso tem gerado uma diversidade de problemas para a reprodução dos camponeses que estão apostando na agroecologia enquanto forma de organização do trabalho no campo, e acabam tendo suas atividades impactadas diretamente pelas agroindustriais canavieiras, já que a pulverização aérea de agrotóxicos é uma marca do processo de reestruturação produtiva do capital para as empresas de capital agroindustrial canavieiro.

A pulverização aérea de agrotóxicos nas lavouras de cana-de-açúcar tem criado diversas dificuldades para a reprodução das áreas de cultivo dos camponeses nos assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema. Aqueles que optam por atividades alternativas em suas terras, como agroecologia, relatam que essa realidade traz dois grandes problemas fundantes para discutir o conflito entre monocultura canavieira e agroecologia. Ou seja: 1) os assentados se dedicam ao desenvolvimento de práticas alternativas e orgânicas para adubação, fertilização e controle de pragas, aplicando técnicas de trabalho que não envolvem uso de produto agroquímico, cumprindo, portanto, os preceitos do processo produtivo agroecológico. Porém, com o contato direto que suas lavouras têm com a monocultura de cana-de-açúcar, ou propriamente com a contaminação originada da aplicação de agrotóxicos, em consequência do efeito deriva, acabam tendo seus alimentos contaminados; 2) o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

problema da pulverização aérea implica diretamente na criação de uma certificação para os produtos agroecológicos. A certificação tem sido entendida pelos camponeses como uma estratégia importantíssima no que se refere à comercialização justa dos seus produtos, e como não conseguem certificação para seus produtos, são obrigados a comercializar os alimentos agroecológicos como produtos convencionais.

Fazendo contraposição ao modelo hegemônico do capital agroindustrial canavieiro, nos últimos anos estas discussões em torno da agroecologia têm avançado fortemente no interior dos movimentos sociais no campo e nos espaços acadêmicos. A agroecologia vem sendo pensada como uma forma de romper com o modelo de produção de alimentos baseado na monocultura e no uso de agroquímicos. Tem-se discutido a agroecologia cada vez mais como forma de viabilizar o desenvolvimento no campo, permitindo a reprodução do camponês, pensando o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico a qualidade social e ambiental, considerando suas práticas que, de um modo geral, condenam o uso de agroquímicos nos processos produtivos e se preocupa com a produção de alimentos saudáveis. Portanto, defendemos uma noção de desenvolvimento que não associa o rural apenas ao agrícola, mas também às populações que ali habitam, em suas variadas formas de vivência, em uma atuação que visa a muito mais que bens e riquezas, mas também à extração de tempo e trabalho.

Dessa forma, põe-se no centro do debate o trabalho de base familiar, levando em conta o resgate das formas tradicionais de vida no campo que as gerações camponesas carregam consigo, além de dar grande importância para a biodiversidade e fomentar o debate entorno da soberania alimentar. Formas alternativas de produção, como a prática da agroecologia, se constitui como um elemento importante para a segurança alimentar dos assentados na medida em que permite pensar a terra enquanto “terra de trabalho”, já que subverte a lógica da “terra de negócio” via integração à agroindústria, constituindo de fato sua função social que, no contexto de uma Reforma Agrária permite a efetivação de uma política nacional de segurança alimentar. Com a presença do capital agroindustrial canavieiro na região do Pontal do Paranapanema, temos outra perspectiva para pensar o campesinato neste território.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

É importante destacar que a agroecologia está baseada no princípio do resgate tradicional de vida e de trabalho no campo. Desta forma, o retorno que se tem a esta tradicionalidade se trata de recuperar a concepção de vida e de trabalho no campo. Isto é, acreditamos que para viver a atualidade da questão agrária (conflitos pelo acesso e pela permanência na terra) é necessário que se recupere as concepções da função social da terra. Já alerta Paulino (2006), que o campesinato se caracteriza pela apropriação da terra como forma de sustentar seu modelo de vida baseado na exploração cultural e social, ou seja, a terra é onde se produz condições para a manutenção da vida. Este resgate permitirá negar o modelo predador de uso da terra (protagonizado pelo capital) ao mostrar as possibilidades de produção de alimentos sem o emprego de agroquímicos.

III. Metodologia

Realizamos levantamento bibliográfico em livros, teses, dissertações, monografias e textos publicados em periódicos que tratam da questão. Com o objetivo de obter informações junto aos sujeitos envolvidos com a temática utilizamos a metodologia de entrevista semi-estruturada. Para Colegenese; Mélo (1998, p. 143): “Entrevista-se porque acredita-se que o entrevistado detém informações que, transmitidas ao entrevistador, podem ajudar a elucidar questões”. Também coletamos dados nos sítios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD), Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), Companhia de Abastecimento do Estado de São Paulo (CONAB), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Instituto de Economia Agrícola (IEA) para concretizar a discussão.

IV. Análises e discussão dos dados

A agricultura tem sido controlada por estruturas políticas e econômicas e estas têm traduzido o que se apresenta como desenvolvimento para o campo (Sevilla Guzman, 2001; Mc. Michael, 2016).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Esse processo priva os camponeses de implementar práticas alternativas que desafiam esta estrutura. Assim, pensar a agroecologia apenas como um modelo que possibilite ruptura técnica, centrada no combate à agricultura prejudicial ao meio ambiente e que gera degradação ambiental, não nos permite entender este conceito de forma holística.

É neste sentido que Altieri (2010) aponta que:

O desenvolvimento da agricultura sustentável requererá mudanças estruturais significativas, além de inovação tecnológica, redes e solidariedade de agricultor a agricultor. A mudança requerida não é possível sem movimentos sociais que criem vontade política entre os servidores públicos com poder de decisão, para desmontar e transformar as instituições e as regulações que atualmente freiam o desenvolvimento agrícola sustentável. É necessária uma transformação mais radical da agricultura. Uma transformação que esteja dirigida pela noção de que a mudança ecológica da agricultura não pode se promover sem mudanças comparáveis nas arenas sociais, políticas, culturais e econômicas que conformam e determinam a agricultura (Altieri, 2010, p. 29).

A reflexão do autor nos ajuda a entender a necessária vinculação entre a transição agroecológica e as organizações sociais camponesas. No Pontal do Paranapanema isso fica ainda mais evidente, já que temos acompanhado diversos espaços de discussão junto ao MST, e o que podemos afirmar é que o movimento vem apostando na agroecologia como uma proposta contra-hegemônica que se apresenta para frear o desmonte do sistema alimentar protagonizado pelos complexos agro-químico-alimentar-financeiros (Thomaz Junior, 2009).

As discussões que a agroecologia propõe envolvem questões sociais que perpassam as discussões de organização enquanto comunidade, buscando melhores condições de reprodução, passa também pela discussão de gênero, pois na agroecologia a produção dos quintais, que em linhas gerais está sob os cuidados das mulheres, é considerada também parte do sistema produtivo, e não uma atividade avulsa com relação às outras áreas de produção do lote. Dessa forma, o esforço despendido pela mulher para cuidar destas atividades é considerado trabalho, e isso também está ligado ao preceito de trabalho de base familiar considerado pela agroecologia. Busca-se ainda, a autonomia e minimizar a dependência do consumo externo, levando o camponês a priorizar o abastecimento



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

interno, bem como a dimensão econômica, onde há a possibilidade de fortalecimento dos mercados locais através de circuitos curtos de comercialização (Rabello, 2014).

A agroecologia não contribui apenas para a produção de um modo de vida menos prejudicial ao meio ambiente. Mais que isso, considera o camponês como protagonista na produção de alimentos saudáveis, sendo que o principal desafio é implementar a agricultura alternativa imersa num modelo de sociedade que se estrutura sob condições adversas para a produção de alimentos de qualidade. Nesta relação, o camponês aparece como sujeito detentor de sabedoria tradicional e procura valorizá-los enquanto fundamentais e intrínsecos aos fazeres dos povos tradicionais; saberes que são adquiridos historicamente, através do trabalho com a terra e que são passados de geração em geração.

No Pontal do Paranapanema a agroecologia vem sendo discutida de forma mais efetiva com desenvolvimento de experiências mais amplas, a partir de 2001, ano em que se inicia o primeiro projeto de práticas agroecológicas, o projeto Café com Floresta. Mesmo antes disso, no âmbito do MST já haviam discussões da viabilidade e emergência da agroecologia nesta região, motivadas, sobretudo, no grande número de assentamento rurais e pelo forte envolvimento das famílias camponesas na produção de alimentos.

Neste sentido, viu-se na parceria entre a base regional do MST e o IPÊ possibilidade de acesso à um edital de financiamento de projetos em agricultura orgânica publicado pela Petrobrás, foi submetido o projeto e a partir dele iniciaram as primeiras Unidades de Referência em Agroecologia no Pontal. Com este projeto foi possível criar os primeiros Sistemas Agroflorestais (SAFs) nos assentamentos, onde o sistema de produção de café seria envolvido em um policultivo consorciando culturas anuais (milho, feijão e mandioca, por exemplo) com árvores frutíferas e nativas.

A experiência do projeto Café com Floresta foi um potencializador das práticas agroecológicas, já que possibilitou dar visibilidade à estas práticas e demonstrar através de resultados concretos que a agroecologia tem espaço e é possível. Entretanto, anterior ao projeto já havia experiências embrionárias e em escalas muito mais reduzidas, que eram, sobretudo, os quintais florestais e hortas orgânicas que as famílias mantinham em suas propriedades de formas isoladas. Para aquelas famílias que participaram do projeto, foi possível expandir as áreas de produção de alimentos agroecológicos e aprender novas técnicas e formas de manuseio da terra para trabalhar as práticas agroecológicas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Diante dos resultados colhidos com o desenvolvimento do projeto Café com Floresta, as instituições se animaram na tentativa o projeto Macaúba. Este projeto surgiu em 2012 também com o objetivo de promover a agroecologia no Pontal do Paranapanema. Foi desenvolvido pela em Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP), com o apoio do pólo Alta Sorocabana da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA) e ITESP. Neste projeto, buscou-se realizar pesquisas científicas sobre a possibilidade de produção de biodiesel através do fruto da macaúba, e para isso foi elaborado o projeto de construção de SAFs onde o principal produto seria a macaúba, e assim como no projeto Café com Floresta, consorciado com a diversidade de cultivos anuais, árvores frutíferas e nativas.

Para este projeto se apresentaram 50 famílias interessadas, das quais foram selecionadas 30 para participarem. Foram selecionadas famílias dos assentamentos São Bento, Margarida Alves, Che Guevara e Paulo Freire. Os critérios adotados para selecionar estas famílias foram: tempo disponível para o trabalho no lote (ou seja, não trabalhar fora do lote); número de membros da família disponíveis para trabalharem no projeto; e, experiência com outras práticas de cultivos orgânicos¹⁸.

Conforme o mesmo técnico, desde o início do desenvolvimento do projeto houve um interesse e procura muito grande das famílias vizinhas àquelas que estavam participando do projeto, pois lhes chamavam a atenção os equipamentos que eram utilizados para a preparação do solo, as mudas de árvores frutíferas e nativas que eram doadas para formar o SAF e, sobretudo, a assistência técnica que estavam recebendo.

Estes foram os dois grandes projetos que impulsionaram a transição agroecológica no Pontal do Paranapanema. Através deles foram construídas unidades de referências, das quais muitas são mantidas até hoje, que serviram como demonstração de que há campo para a agroecologia no Pontal, e que as famílias têm disposição para participar deste processo de transição.

Também, no sentido de continuarem resistindo na terra e preocupados com a questão da venda da produção é que os camponeses no Pontal do Paranapanema vêm se envolvendo com Políticas Públicas de compra institucional. Uma dessas políticas é o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que no Pontal do Paranapanema vem valorizando a produção de alimentos protagonizada por esses sujeitos o que recoloca a questão da viabilidade dos assentamentos rurais, oriundos da luta pela terra,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

em contraposição a territorialização do agrohidronegócio canavieiro nas terras devolutas, portanto públicas, griladas pelos latifundiários, via de regra pecuaristas. (Leal, 2017).

Estamos compreendendo que o envolvimento dos camponeses com o Programa tem incentivado a retomada das atividades, particularmente por parte dos homens, na terra, tendo em vista que contingentes expressivos se direcionam para diversas atividades, a começar pelo assalariamento nas atividades da agroindústria canavieira. No entanto, isso não coibiu esse movimento dos camponeses em buscar fontes de renda fora do lote, mas potencializou a retomada do trabalho dentro do lote.

A participação no PAA, por parte dos camponeses, também tem visibilizado o trabalho da mulher no lote, que historicamente na divisão sexual do trabalho sempre esteve envolvida com a produção de quintal e afazeres domésticos, atividades que antes eram pouco valorizadas e que agora com a participação no Programa toma outro sentido. Esse envolvimento das mulheres no Programa vem modificando as relações entre sexos, com continuidade do protagonismo da mulher na família camponesa e na organização do trabalho familiar (reprodutivo) e produtivo. (Leal, 2017)

O PAA, também tem potencializado a vinculação entre produtores e consumidores, no caso camponeses e trabalhadores da cidade. É nesse contexto que estamos compreendendo esses sujeitos no âmbito da dinâmica territorial de classe, da classe trabalhadora (Thomaz Junior, 2009; 2012), ou seja, atentos a dinâmica que envolve camponeses que trabalham dentro e fora dos lotes, como trabalhador na agroindústria canavieira e trabalhadores das cidades, que se inserem em diferentes atividades, migram de categorias laborais, sindicatos e são potenciais sujeitos na luta pela terra.

Embora o PAA tenha sido um avanço significativo no que se refere à estratégias de reprodução e alternativas de escoamento da produção de alimentos, temos enxergado que o sucesso do Programa no Pontal do Paranapanema se dá pela luta e apropriação dos mesmo pelos camponeses, tendo em vista que o Programa não oferece apoio logístico, depende das administrações das prefeituras para fiscalização, estas que estão sobrecarregadas, pois o Programa não despense recursos para a contratação de funcionários nas prefeituras e não dá condições para que os camponeses intensifique a produção de alimentos livre de transgênicos, livre de agrotóxicos com bases agroecológicas. E ainda, o Programa não é uma política de Estado o que não garante a continuidade dos recursos com as mudanças de governo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Assim, estamos percebendo que o Programa subordina os camponeses ao Estado, pois atua de forma precarizada atendendo somente a demanda de comercialização da produção. Além disso, não é operacionalizado enquanto uma política pública efetiva trata-se de um Programa institucionalizado que fica sujeito a definições de interesses políticos.

No caso, temos apurando uma caminhada para o fim do Programa, já que parte considerável dos recursos que subsidiavam foram cortados. No ano de 2012, quando se comemorava 10 anos do Programa foram despendidos R\$ 586 milhões para operacionalização, em 2015 tivemos R\$ 287 milhões e em 2016, posteriormente ao Golpe a Dilma Rousseff, apenas 197 milhões. (Conab, 2016)

Os cortes no Programa já mostram rebatimentos diretos para as formas de reprodução dos camponeses, pois temos visto que aquelas famílias que optaram por reorganizar o espaço de produção nos assentamentos já não conseguem mais comercializar a produção e estão perdendo alimentos, pois a participação no Programa está restrita. Nessa conjuntura os camponeses, sobretudo os homens, têm retornado para o trabalho assalariado nas agroindústrias canavieiras enquanto alternativa de sobrevivência na terra.

V. Conclusões

No Pontal do Paranapanema temos acompanhado nos assentamentos a (re)construção ou a (re)apropriação de saberes tradicionais por meio das experiências ou de práticas que possibilitam não só a autonomia do assentado, mas o fortalecimento da Reforma Agrária. As formas de viver no campo, os modos de plantar, de produzir e de consumir, num contexto cultural – dos assentamentos – que funciona como veículo, que, ao problematizar tais questões, também produz novas formas de ser, de fazer, de aprender, de plantar e de consumir, portanto, possibilita a reapropriação de saberes e de verdades e, sobretudo, sobre um modo ser rural. Nesse sentido, a produtividade dos discursos está sendo considerada.

Portanto, re-territorializando um conjunto de práticas que conformavam uma realidade peculiar, mas não deixando de estar inserida em espectros mais amplos de outras realidades, como a propagandeada pelos "agentes da modernização", do desenvolvimento fincado no bojo ainda fecundo da ideia de progresso e crescimento, é uma das memórias e contraponto possível aos sentidos atuais



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

da ideia de desenvolvimento hegemônico. O espaço rural é um aspecto da construção social da realidade, assim, deve-se atentar — entre tantos outros fenômenos — para as interações entre as apropriações materiais e simbólicas feitas à terra; ao tecido entramado da percepção agroecológica deste espaço de vida; a organização da produção de alimentos e ao resultado da aplicação de novas tecnologias e aos efeitos de políticas internas e externas ao setor agrícola e suas influências no meio rural.

Os sistemas e processos de constituição dos saberes "alternativos" — incluindo o ordenamento e classificação da experiência, da percepção e da memória dos ensinamentos e práticas de universos culturais variados, na aplicação das técnicas de cultivo e conhecimentos de sementes, solos, fármacos, espécies vegetais e animais, estão estruturados culturalmente, abrindo um espaço para as práticas da agroecologia.

V. Bibliografia

- Altieri, M. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. Revista NERA, Ano 13, nº. 16, Presidente Prudente, 2010, p. 22-32.
- Colognese, SA; Melo, JL. A Técnica da Entrevista na Pesquisa Social. Porto Alegre: **Cadernos de Sociologia**, 1998. V. 9, p. 143-159
- CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento. **Compêndio de Estudos Conab 2016**. 2016. Disponível em:
<http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_07_18_11_35_03_compendio.pdf>. Acesso em 28 de set. 2017
- Leal, S. C. T. **A dinâmica territorial do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), no Pontal do Paranapanema-SP no contexto dos conflitos**. 2017. 107p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente.

. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e a Disputa Territorial em torno da Luta pela/na terra no Pontal do Paranapanema – SP**. 2013. 99 p. Monografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-SP



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- MCMICHAEL, P. **Regimes Alimentares e Questões Agrárias**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- Oliveira, A. U. de. A agricultura camponesa no Brasil. 4ª Edição. São Paulo, Contexto, 2001.
- Paulino, E. T. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: UNESP, 2006.
- Rabello, D. Campesinato e agrohídronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema: os desafios para a transição agroecológica. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciências e Tecnologia, (Monografia de Bacharelado em Geografia), 105f. 2014.
- Sevilla Guzmán, E. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, vol. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.
- Souza, S. M. R. Agronegócio canavieiro, discurso e agroecologia no Pontal do Paranapanema. In: XVI Jornada do Trabalho, 2015, Jardim. **Anais da XVI Jornada do Trabalho**: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, UMES. Departamento de Geografia, 2015, v. 1. p. 230-246. Universidade.
- Thomaz Junior. A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI**. (Limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos). 2009. 997p. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-SP
- _____. Degradação e Centralidade do Trabalho (As Contradições da Relação Capital x Trabalho e o Movimento Territorial de Classe). **Pegada**, Presidente Prudente, V.13, Nº2, 2012. p. 4-19